

Ensino do fenômeno da variação linguística no livro didático “Português linguagens”, de Cereja e Vianna (2023): uma análise de conteúdo qualitativa

Teaching the phenomenon of language variation in the textbook *Português: linguagens* by Cereja and Vianna (2023): a qualitative content analysis

Iandra Leticia Carvalho de Jesus¹

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Maria da Conceição dos Santos Teixeira²

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Dayane Pereira Barroso de Carvalho³

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Ana Claudia Castiglioni⁴

Universidade Federal do Norte do Tocantins

RESUMO: Partindo do entendimento de que o Livro Didático (LD) é, muitas vezes, o principal recurso utilizado em sala de aula pelo professor da educação básica, questionamo-nos: de que modo se dá a adequação de conteúdos de LD aprovados pelo PNLD, principalmente no que diz respeito a uma abordagem de ensino que preza pelo respeito das diferenças linguísticas cientificamente comprovadas em línguas naturais? Para responder a esta pergunta, delimitamos o seguinte objetivo de pesquisa: Nossa base teórico-metodológica está fundamentada nos princípios da Análise de Conteúdo qualitativa, de Bardin ([1977] 2016) e Sampaio e Lycarião (2021), bem como nas discussões a respeito da Sociolinguística Educacional, de Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Freitag (2011), Oliveira (2020), Bagno (2015), Faraco (2007), Carvalho e Santana (2023), e da qualidade/adequação de LD da educação básica, com Saraiva e Sousa Filho (2021), Brito e Carvalho (2021), Nascimento e Medeiros (2024) e Corbari e Pimentel (2018). As

¹ Mestranda em Teoria e Análise Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Araguaína, Tocantins, iandraleticiacarvalho@hotmail.com, iD ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4531-2238>.

² Mestranda em Teoria e Análise Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Araguaína, Tocantins, maria.teixeira@ufnt.edu.br, iD ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9576-9183>.

³ Doutoranda em Teoria e Análise Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Araguaína, Tocantins, dayanepereirabr@gmail.com, iD ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7792-4514>.

⁴ Doutorado em Estudos Linguísticos pela UNESP/IBILCE, docente do Colegiado de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Araguaína, Tocantins, ana.castiglioni@ufnt.edu.br, iD ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4322-2191>.

análises indicaram que o LD em questão apresenta, de modo geral, conteúdos satisfatórios em relação às categorias de análise: conceitos e definições, situação sociocomunicativa concreta, exemplos/pragmática e exercícios de fixação. Em poucos casos essas categorias foram classificadas como parcialmente satisfatórias. Apenas em três situações, relacionadas à situação sociocomunicativa concreta e aos exemplos/pragmática, o conteúdo foi considerado insatisfatório. Os resultados sugerem que o LD (Livro Didático) avaliado apresenta, em sua maior parte, uma qualidade satisfatória e está adequado aos critérios analisados.

Palavras-chave: Variação linguística. Livro Didático. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT: Building on the understanding that the Textbook (LD) is often the primary resource used by teachers in basic education classrooms, we ask: how well do PNLD-approved textbooks align with a teaching approach that values respect for scientifically proven linguistic differences in natural languages? To address this question, we established the following research objective: to analyze how the phenomenon of linguistic variation is presented in the textbook *Português: Linguagens* by William Cereja and Carolina Dias Vianna (2023), designed for 6th-grade students and approved by the PNLD in 2023. Our theoretical and methodological framework is based on the principles of qualitative Content Analysis, as proposed by Bardin ([1977] 2016) and Sampaio & Lycarício (2021), along with discussions on Educational Sociolinguistics by Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Freitag (2011), Oliveira (2020), Bagno (2015), Faraco (2007), Carvalho & Santana (2023), and studies on the quality and adequacy of basic education textbooks, including works by Saraiva & Sousa Filho (2021), Brito & Carvalho (2021), Nascimento & Medeiros (2024), and Corbari & Pimentel (2018). Our analysis indicates that the textbook in question generally presents satisfactory content in the following categories: concepts and definitions, real-life sociocommunicative situations, examples/pragmatics, and reinforcement exercises. In a few cases, these categories were rated as only partially satisfactory. However, in three instances—specifically related to real-life sociocommunicative situations and examples/pragmatics—the content was classified as unsatisfactory. Overall, the results suggest that the textbook demonstrates satisfactory quality and aligns well with the criteria analyzed.

Keywords: Linguistic Variation. Textbook. Content Analysis.

Submetido em 27/05/2025

Aprovado em 18/12/2025

Introdução

Durante a disciplina “Léxico, Variação e Ensino”, ministrada no segundo semestre de 2023, nos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), tivemos a oportunidade de entrar em contato com diversas produções científicas relacionadas não apenas ao léxico da Língua Portuguesa, mas também ao fenômeno da variação linguística em línguas naturais e sua relação com o ensino. Entre as pesquisas científicas com as quais tivemos contato, chamou-nos atenção que poucas se

relacionavam à análise de adequação/inadequação de Livros Didáticos (LD) disponibilizados pelo poder público, o que nos provocou certa inquietação.

Parece-nos óbvio que o professor em formação inicial atuará na educação básica com o material didático recomendado pela escola, que, por sua vez, precisará ter sido aprovado pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), seguindo diretrizes específicas para o ensino crítico da língua materna. Nesse sentido, pusemo-nos a nos questionar: de que modo se dá a adequação de conteúdos de LD aprovados pelo PNLD, principalmente no que diz respeito a uma abordagem de ensino que preza pelo respeito das diferenças linguísticas cientificamente comprovadas em línguas naturais? Para respondermos a essa pergunta, definimos o seguinte objetivo de pesquisa: analisar o tratamento dado ao ensino do fenômeno variação linguística no livro didático *Português linguagens*, de Cereja e Vianna (2023), destinado ao 6º ano e aprovado pelo PNLD em 2023. Para alcançarmos esse objetivo, optamos por adotar uma metodologia predominantemente qualitativa, conforme Creswell (2010), fundamentada nos princípios da Análise de Conteúdo, de Bardin ([1977] 2016) e Sampaio e Lycarião (2021).

A base teórica das nossas discussões se sustenta principalmente nos estudos da Sociolinguística Educacional, de Bortoni-Ricardo (2004; 2005). Além da referida autora, recorreremos aos estudos de Freitag (2011), Oliveira (2020), Bagno (2015), Faraco (2007), Carvalho e Santana (2023), para discutirmos a respeito das repercussões de um ensino prescritivo e repercussões de um ensino sociolinguístico na vida de estudantes da educação básica. Por fim, utilizamos estudos referentes à qualidade e adequação de LD aprovados pelo PNLD, como é o caso das pesquisas de Saraiva e Sousa Filho (2021), Brito e Carvalho (2021), Nascimento e Medeiros (2024) e Corbari e Pimentel (2018).

O presente artigo está dividido em cinco seções. A primeira refere-se a esta introdução, na qual apresentamos nossas inquietações, problema de pesquisa, objetivo de estudo e base teórico-metodológica. Na segunda seção, discutimos a teoria da variação linguística no contexto escolar de ensino da Língua Portuguesa, bem como da importância dos LD como principal recurso didático na educação básica. Na terceira, apresentamos, de forma detalhada, nossos procedimentos metodológicos. Na quarta seção, realizamos a análise de conteúdo no LD informado. Por fim, na quinta seção, realizamos nossas considerações finais sobre este estudo.

1. Variação linguística, LD e recomendações da BNCC e do PNLD

Durante muito tempo, instituições escolares, ao elegerem abordagens voltadas exclusivamente para questões estruturais rigidamente normativas, assumiram uma postura prescritiva para o ensino da língua, como precisamente destaca Oliveira (2020). A estudiosa relata que, no início de sua carreira docente, as coleções didáticas disponibilizadas pelo poder público apresentavam “abissal diferença entre a pedagogia debatida na licenciatura e a realidade escolar” (Oliveira, 2020, p. 3), e que em relação à questão linguística, havia a língua do livro didático e a língua compartilhada pelos alunos em sala de aula.

Situações dessa natureza não são algo distante no tempo. Atualmente ainda é possível observar que os usos linguísticos distantes da norma padrão, em sala de aula, muitas vezes, não recebem tratamento adequado na educação básica, a não ser de atitudes negativas, como é o caso das observações feitas por Santana e Carvalho (2024). As pesquisadoras perceberam haver significativos impactos negativos de uma abordagem de ensino puramente prescritiva, associada a posturas punitivas em casos de desvios linguísticos em ambientes formais de ensino. Tais impactos, segundo as estudosas, afetam não apenas a aprendizagem desses alunos, mas também provocam repercussões negativas na vida deles.

Por esse motivo, professores e escolas devem compreender que nem sempre seu aluno virá de uma realidade sociolinguística adequada às prescrições contidas nos manuais de gramática (Freitag, 2011; Bortoni-Ricardo, 2004; 2005). Isso pode ocorrer por diversos motivos, sendo o principal deles a marginalização social, cultural e econômica desses alunos e de suas famílias, como demonstram Carvalho e Silva (2023), em seu estudo sobre currículo e cultura escolares em contextos empobrecidos e periféricos, e que os usos que os falantes fazem da língua recebem fortes influências de fatores externos a ela, principalmente quando se trata de acentuadas desigualdades sociais, culturais e econômicas.

É importante reconhecer e não esquecer que as diferenças sociolinguísticas não são um atestado de permissão para a prática de constrangimentos linguísticos. Não apenas isso, mas se trata de compreender que os conhecimentos sociolinguísticos são uma “orientação cientificamente informada, uma questão de direitos humanos, de ver, entender e respeitar a pessoa pelo que ela é, o que não implica em desprovê-la de conhecimentos para além do seu entorno” (Oliveira, 2020, p. 3). Bagno (2015, p. 170-171), inclusive, tece fortes críticas a um tipo de ensino que desconsidera os

conhecimentos sociolinguísticos, ao dizer que

O ensino da gramática normativa mais estrita, a obsessão terminológica, a paranoia classificatória, o apego à nomenclatura, nada disso serve para formar um bom usuário da língua em sua modalidade mais prestigiada, falada ou escrita. Esforçar-se para que o aluno conheça de cor o nome de todas as classes de palavras, saiba identificar os termos da oração, classifique as orações segundo seus tipos, decore as definições tradicionais de sujeito, objeto, verbo, conjunção etc, nada disso é garantia de que esse aluno se tornará um usuário competente da escrita mais monitorada [...] como já disse antes, uma coisa é aprender sobre a língua, outra coisa, muito diferente, é aprender a usar a língua.

De fato, tem sido fracassada a tentativa de ensinar uma criança a usar a língua de forma competente tanto em contextos comunicativos orais, quanto escritos, a partir de um ensino exclusivo de terminologia, classificação e nomenclatura, relegando ao constrangimento aquelas que não conseguem se adequar às formas linguísticas presentes em tais manuais. Apesar disso, é possível observar alguns avanços no que se refere ao ensino de língua materna por meio das intervenções da Linguística Moderna ao longo dos anos, particularmente quando centramos o pensamento no ensino de língua a partir dos pressupostos da Sociolinguística. Mas esses avanços ainda caminham a passos lentos.

Faraco (2007), ao citar avanços razoáveis acerca de uma pedagogia voltada para o trabalho com a leitura e com a produção textual em sala de aula, informa que ainda há um atraso evidente na construção de uma pedagogia direcionada à variação linguística e à sua inserção na escola. Os ensinamentos pautados nas variantes linguísticas e seus usos ainda não encontraram um lugar significativo na educação básica, visto que ainda existem muitas divergências entre o que é considerado “*correto*”, comumente vinculado às formas linguísticas utilizadas pelas elites econômicas e culturais, e o que é considerado “*errado*”, comumente vinculado às formas linguísticas de grupos marginalizados do ponto de vista social, econômico e cultural. Estas últimas são consideradas variantes desprestigiadas.

Pensando nisso, é pertinente ressaltar a importância dos estudos sociolinguísticos e suas implicações para o ensino. Os dados produzidos por esses estudos podem fornecer bases suficientes para se pensar um ensino de língua materna capaz de acolher alunos advindos de realidades sociolinguísticas diferentes (Freitag, 2011), bem como para se pensar em novas propostas de atividades e práticas pedagógicas mais inclusivas e eficientes a um público estudantil que é linguisticamente heterogêneo (Bortoni-Ricardo, 2004; 2005; Farias; Santana; Silva, 2025; Freitag, 2017; Santana; Carvalho, 2024).

Ora, se “toda língua muda e varia, isto é, muda com tempo e varia no espaço, além

de variar também de acordo com a situação social do falante”, (Bagno, 2002, p. 43), a escola exerce papel fundamental para que falantes nativos de uma língua possam compreender e refletir sobre a diversidade linguística. É a escola que deve possibilitar a ampliação do conhecimento sobre o fenômeno da variação linguística em línguas naturais, trazendo para si a responsabilidade de modificar o cenário de manutenção de desigualdades linguísticas (Farias; Silva, 2022). Nesse sentido, é evidente que o Livro Didático (LD) representa um dos principais recursos utilizados na educação básica em todo o país e, portanto, deve abordar o fenômeno da variação linguística de forma adequada.

Há inúmeros estudos, como é o caso de Araújo, Saraiva e Sousa Filho (2021), Brito e Carvalho (2021), Nascimento e Medeiros (2024), Corbari e Pimentel (2018), entre outros, que se interessam pela análise em LD, principalmente no que diz respeito ao conteúdo desse material: se o LD observa os princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social, se os conceitos e definições estão corrigidos e atualizados, se as orientações prestadas ao professor e alunos são adequadas, se a estrutura editorial e o projeto gráfico também são condizentes e adequados ao público-alvo e se os textos escolhidos são apropriados à temática abordada, conforme orientações do Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD (Brasil, 2020).

No entanto, embora esses e tantos outros pesquisadores reforcem a importância da adequação desse tipo de material, todos eles também são unânimes a respeito das limitações em algumas propostas de ensino. Entre essas limitações, estão a falta de orientação suficiente nas atividades propostas, ou foco no ensino prescritivo da gramática normativa, sem contextualização dos usos linguísticos em situações sociocomunicativas concretas, restrição de competências linguísticas relacionadas tão somente ao reconhecimento literal da superfície linguística e conteúdos específicos parcialmente contemplados nessas obras (Saraiva; Sousa Filho, 2021; Brito; Carvalho, 2021; Nascimento; Medeiros, 2024).

No caso específico de estudos relacionados ao ensino do fenômeno da variação linguística em LD, Ribeiro (2013, p. 15), por exemplo, afirma que, os LD analisados em seu trabalho “apresentam os conteúdos sobre variação linguística de modo superficial porque seus exemplos não são acompanhados de aplicabilidade efetiva [...]”. Araújo e Pereira (2017) também compartilham do mesmo pensamento ao ratificarem que as obras investigadas em seu estudo buscam levar para a sala de aula aspectos da variação

linguística, no entanto, são encontradas lacunas no que se refere à heterogeneidade linguística. Também, Corbari e Pimentel (2018), ao analisarem, de igual maneira, a ocorrência do ensino do fenômeno da variação linguística numa coleção de LD publicada no ano de 2015, constataram que a coleção apresenta discussões importantes sobre o conteúdo no primeiro volume (6º ano), mas nos outros as discussões são mais escassas, com poucas amostras reais do português.

Entendendo que a escola deve promover um ensino por meio do qual os alunos consigam conhecer e respeitar as variedades da língua, a Sociolinguística Educacional leva em consideração essa mesma diversidade linguística, descartando a existência de um “melhor” ou “pior” português, mas entendendo que cada comunidade se apropria da língua e das regras de que tem conhecimento para utilizá-las nas diversas situações comunicativas. Santana e Carvalho (2024) também demonstram a importância de se considerar questões como essas, ao apresentarem dados de pesquisa em contexto de sala de aula que indicam uma forte relação entre preconceito linguístico e desconhecimento do fenômeno da variação linguística por parte de professores e alunos. As pesquisadoras afirmam que quando a escola ignora a existência da variação linguística, bem como as identidades culturais e linguísticas de seus alunos, reproduz atitudes que reforçam estigmas e perpetuam a discriminação.

Por esse motivo, ter esse conteúdo devidamente contemplado no LD é promover suporte ao professor não apenas para contemplar conteúdos previstos em diretrizes educacionais nacionais, mas, principalmente, contribuir com o combate à desinformação sobre variação linguística e consequente perpetuação de preconceitos linguísticos e sociais. Isto é, permitir que professor e alunos compreendam que o fenômeno da variação em uma língua natural constitui um tesouro da cultura de um povo, pois representa veículos plenos de comunicação, que testificam as relações entre as pessoas que a falam (Bagno, 2015).

A importância da diversidade linguística é plenamente reconhecida tanto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), quanto pelo PNLD (Brasil, 2020), que recomendam o ensino do fenômeno da variação linguística, de modo que os alunos consigam demonstrar atitude respeitosa diante das variedades nos usos da língua, bem como sejam capazes de rejeitar preconceitos linguísticos e sociais associados às práticas de linguagem, como pode ser observado a seguir:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da

variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (Brasil, 2018, p. 81).

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem; [...]

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos (Brasil, 2020, p. 8).

Com base nessas recomendações, pontuamos que, durante a elaboração desses materiais, não sejam ignorados os aspectos sociolinguísticos no ensino de língua materna, sobretudo quando se trata da aprendizagem da variação em contextos geográficos distintos (variação diatópica), em contextos mais ou menos formais (variação diafásica), em contextos/grupos sociais diferentes (variação diastrática), ou ao longo do tempo (variação diacrônica) (Bortoni-Ricardo, 2005). Conforme afirma Bortoni-Ricardo (2005), os alunos precisam desenvolver uma consciência linguística, isto é, estarem conscientes de que existem variadas maneiras de dizer a mesma coisa e que essas variadas maneiras de dizer podem sofrer mudanças significativas. Dessa forma, questões relacionadas à diversidade da língua precisam ser debatidas e contempladas em LD para que se amplie a competência comunicativa dos estudantes, apresentando-os uma língua heterogênea e multiforme.

2. Procedimentos metodológicos

Este estudo segue uma abordagem metodológica predominantemente qualitativa, haja vista que a análise dos dados segue padrões indutivos, abstratos e interpretativos, bem como utiliza lentes teóricas inclinadas à cultura e à sociedade (Creswell, 2010), como é o caso de pesquisas na área da Sociolinguística Educacional. Trata-se, também, de uma pesquisa documental. Creswell (2010, p. 51) informa que pesquisas documentais concentram atenção em materiais que ainda não receberam qualquer tratamento analítico, como é o caso de “documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc.”, além de “relatórios de pesquisas, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc.”. No caso deste estudo, o documento tratado é o Livro Didático.

Para a construção dos nossos dados, escolhemos o LD *Português Linguagens* de William Cereja e Carolina Dias Vianna (2023), destinado ao 6º ano. Como técnica de análise do referido documento, recorremos à Análise de Conteúdo (AC), proposta por Bardin ([1977] 2016) e Sampaio e Lycarião (2021). A AC é, portanto,

(...) uma técnica de pesquisa baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (Sampaio; Lycarião, 2021, p. 6).

Em nosso estudo, interessamo-nos pelo conteúdo escrito referente ao ensino do fenômeno da variação linguística no LD mencionado, com o foco ocorrência das propostas de ensino que contemplam o fenômeno da variação linguística em seus aspectos macrosociais: variação diatópica, variação diafásica, variação diastrática, variação diamésica e variação diacrônica, de modo a interpretar seus significados e consequências educativas para alunos do 6º ano do ensino fundamental. Vale mencionar que, embora autores como Riffe, Lacy e Fico (2014) argumentem que a AC é impreterivelmente quantitativa, Bardin (2016), Drisko e Maschi (2016), Sampaio e Lycarião (2021) não aderem a essa premissa, sustentando que há, sim, AD qualitativa, como é o caso da que propomos neste trabalho.

Nesse processo, elaboramos o seguinte quadro para ilustrar as unidades, categorias e classificações de análise de conteúdo qualitativa em nosso estudo:

Quadro 1: Unidades de análise - variação diatópica, variação diastrática, variação diamésica, variação diafásica e variação diacrônica apresentadas no LD

Classificação do conteúdo	Categorias de análise			
	Conceitos e definições do conteúdo abordado	Situação sociocomunicativa concreta	Exemplos/ pragmática	Exercícios de fixação
Satisfatória				
Parcialmente satisfatória				
Insatisfatória				

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Na categoria **situação sociocomunicativa concreta**, analisamos se o contexto real de uso da língua, isto é, o texto motivador apresentado pelos autores do LD é adequado ao conteúdo educacional a ele relacionado (seja variação linguística diatópica, diastrática, diafásica ou diacrônica). Na categoria **conceitos e definições do conteúdo abordado**,

analisamos se há precisão terminológica e se a terminológica e se as definições são adequadas ao público-alvo. Na categoria **exemplos/pragmática**, verificamos se os exemplos apresentados são condizentes com o conteúdo teórico apresentado e se há relação desses exemplos com o com a situação sociocomunicativa inicialmente apresentada. Por fim, na categoria **exercícios de fixação**, analisamos se as instruções dos exercícios são bem formuladas e adequadas ao nível dos estudantes, se os exercícios são variados em diferentes graus de complexidade e se eles viabilizam que o estudante progrida de uma compreensão inicial para um uso mais autônomo da língua, estimulando, assim, o pensamento crítico e o uso competente da língua portuguesa.

Em relação à classificação do conteúdo, analisamos as seguintes classes: 1) **satisfatória**, o conteúdo apresentado no LD é abordado de maneira adequada, contemplando explicações claras, exemplos diversificados e exercícios de fixação eficientes para o ensino do conteúdo; 2) **parcialmente satisfatória**, o conteúdo é apresentado de maneira superficial, sem aprofundamento suficiente para promover uma compreensão adequada por parte dos alunos; 3) **insatisfatória**, o conteúdo não é abordado no LD.

3. Descrição e análise dos dados

A coleção *Português Linguagens* é destinada aos Anos Finais do Ensino Fundamental e a obra escolhida para a análise deste trabalho corresponde ao livro do 6º ano. Ele está dividido em 4 unidades temáticas, possuindo três capítulos em cada uma delas, totalizando 12 capítulos no geral. Em cada unidade, conforme está explicitado na parte de descrição no Guia do Livro Didático, existe uma abertura que direciona os alunos em relação às atividades e traz também a seção *Fique ligado!*, a qual sugere outras fontes de pesquisa, como livros, filmes e outros recursos culturais para ampliar o conhecimento dos estudantes.

Os três capítulos que formam as unidades giram em torno de três seções principais: *Estudo do texto*; *A língua em foco* e *Produção de texto*. No que concerne ao livro do professor, escolha adotada para embasar este trabalho, é possível visualizar uma breve *Apresentação*, seguida do *Sumário* e de um segmento de discussões didático-pedagógicas, as quais estão subdivididas em *Orientações Gerais e Específicas*. Além disso, a coleção *Português Linguagens* está alinhada com a BNCC (Brasil, 2018), com a indicação das competências e habilidades mobilizadas, bem como comentários e

explicações para que o professor possa conduzir as atividades em sala de aula.

No que tange à escolha da obra em questão, fomos influenciadas pela sua avaliação e descrição no Guia do Livro Didático⁵, visto que a obra, a partir do que lá está posto, segue as orientações da BNCC, possuindo em seu repertório textos que visam contemplar um ensino/aprendizagem articulado às práticas de leitura/escuta, produção textual e reflexões sobre a língua. O livro analisado traz conceitos importantes sobre língua, linguagem, variedades linguísticas, aspectos pertencentes à fala e à escrita na comunicação, os tipos de variação linguística, variedade de prestígio e norma-padrão, intencionalidades discursivas etc. Os autores procuram deixar evidente que a língua é viva e se manifesta de diferentes formas, e que em todos os níveis de fala pode ocorrer variação, pois ela pode ser influenciada por fatores linguísticos ou extralinguísticos de diferentes naturezas, tais como fatores relacionados à origem geográfica, status socioeconômico, nível de escolaridade, idade, entre outros, conforme pode ser verificado na imagem 1:

Imagem 1: Tipos de variação linguística



Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 43).

É possível observar, nessa imagem, que os autores abordam os cinco tipos de variações: variação diatópica, variação diastrática, variação diamésica, variação diafásica

⁵ Link do Guia PNLD: https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2024_objeto1_obras_didaticas_pnld_2024_objeto1_obras_didaticas_lingua_portuguesa.pdf

e variação diacrônica. Devido à adequação ao público-alvo, utilizam respectivamente as seguintes denominações: *Diferenças entre lugar ou região*, *Diferenças de classe social*, *Diferenças entre a fala e a escrita*, *Diferenças no grau de monitoramento* e *Diferenças históricas*. Serão apresentadas, portanto, as análises, para as quais utilizamos recortes de atividades presentes no livro didático *Português Linguagens* para tratar do conteúdo referente ao ensino do fenômeno da variação linguística na obra. Nossa discussão tomará por base conceitual acima (imagem 1).

A primeira atividade corresponde ao exercício que aborda variações relacionadas ao espaço geográfico em que o falante se encontra, como é exemplificado na imagem 2:

Imagem 2: Exercício de variação diatópica

7. Faz mais de quinhentos anos que a língua portuguesa foi trazida pelos portugueses para o Brasil. De lá para cá, muitas mudanças ocorreram na língua dos dois países. Veja algumas palavras usadas no Brasil e suas correspondentes em Portugal.

Brasil	Portugal
ônibus	autocarro
abridor de garrafas	tira-cápsula
avromoça	fazpedeira
café da manhã	pequeno almoço
chiclete	pastilha elástica

Tente descobrir a correspondência entre as seguintes palavras do português brasileiro e do português de Portugal. Indique-a no caderno.

Brasil	Portugal
a) calcinha	gelado
b) caqui	miúdo
c) fila	cueca
d) garoto	bicha
e) salva-vidas	dióspiro
f) sorvete	banheiro
g) telefone celular	telemóvel
h) bola	estéril

Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 48)

A atividade apresentada acima (questão 7) não possui uma situação sociocomunicativa concreta, ou seja, não parte de um texto motivador anterior, o que a classifica como insatisfatória. Trata-se de um recorte do tópico *Exercícios* composto por sete questões desenvolvidas após as conceituações de conteúdos relacionados aos estudos de variação linguística. É possível identificar que esse recorte aborda a variação em uma mesma língua advinda de diferentes contextos geográficos, a qual é denominada como diatópica (Bortoni-Ricardo, 2005).

As definições acerca desse tipo de variação no livro inserem-se em *Diferenças de lugar ou região* e, conforme pode ser observado na figura 1, os autores do material didático utilizam de uma linguagem muito acessível e compreensível, uma vez que

inserir palavras mais comuns ao público infantil. Porém, as conceituações limitam-se, de certa forma, a *estados diferentes, zona rural, zona urbana, determinadas áreas de grandes cidades*, não havendo também a apresentação de exemplos após as explicações, sendo classificados em nossa análise como parcialmente satisfatória.

Os exemplos são abordados apenas na introdução do exercício (imagem 2) e pode-se perceber que não condizem diretamente com as explicações acerca do tipo de variação, haja vista que essas voltam-se mais, como já mencionado, para mudanças advindas de diferentes estados, zonas, etc., enquanto nos exemplos e exercícios as variações decorrem de diferentes países (Brasil e Portugal), tornando-se, portanto, parcialmente satisfatórios. São apresentadas na atividade algumas correspondências de palavras do português brasileiro com o português de Portugal, para somente depois ser solicitado que o aluno faça o mesmo, sendo, desse modo, essas exemplificações e instruções fundamentais.

Ademais, para auxiliar no desenvolvimento gradual, nesse mesmo exercício de fixação o estudante encontrará diferentes graus de dificuldade, pois poderá inferir algumas correspondências pela própria semelhança de escrita (*telefone celular - telemóvel*) ou pelo campo semântico (*calcinha - cueca*). Em outros casos, será mais complexo, tomando por base seus conhecimentos e contextos (*fila - bicha*). Em todo caso, como não há exercícios mais abrangentes a respeito da variação geográfica/diatópica, classificamo-lo como parcialmente satisfatório.

Considerando os aspectos apresentados, a variação diatópica, de maneira abrangente (conceituação, exemplificação, exercícios), foi apresentada nesse livro didático de maneira parcialmente satisfatória. Isso se justifica pela falta de exemplificações após as conceituações e pela abordagem de exercícios que não se voltam, de maneira específica, para o que foi conceituado, uma vez que a definição limita-se a variação advinda de estados, zonas e áreas de uma cidade, mas os exercícios tratam das diferenciações entre países de mesma língua.

Além da variação diatópica, o mesmo material didático aborda também atividades relacionados à variação diastrática, como pode ser visualizado na imagem 3:

Imagem 3: Exercício de variação diastrática

Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 47)

No exercício acima, a fala dos personagens da tirinha indica que a variação presente no texto é de ordem diastrática, pois representa um tipo de linguagem que caracteriza grupos sociais específicos, no caso em questão, o uso de gírias, as quais revelam uma identidade linguística mais descolada e jovem. Esse tipo de variação ocorre por meio da diferença no sistema linguístico a partir de diferentes camadas sociais e pode ser influenciada por questões culturais, sociais, nível de escolaridade, local de origem etc.

No que concerne aos critérios de análise, foi possível observar que a atividade em questão partiu de uma situação comunicativa concreta, isto é, foi elaborada a partir de um texto motivador como comumente visualizamos nos livros didáticos e integra um compilado de exercícios que foram elaborados a partir de uma contextualização anterior sobre as variedades linguísticas e que estão presentes na seção *A língua em foco*, no capítulo 2 do livro didático. Nesse aspecto, a abordagem foi satisfatória.

Além disso, os conceitos apresentados na seção *A língua em foco* também são satisfatórios e oportunizam o entendimento da atividade, pois o conhecimento do conteúdo de variação diastrática (ainda que não tenha sido tratada por essa nomenclatura no livro), foi bem elaborado e os autores foram precisos quanto à transparência das informações. A atividade da tirinha aborda questões sociais relacionadas ao uso da língua por um grupo específico de pessoas, criando uma identidade que os caracteriza. Essas informações foram bem exploradas no texto da página 44 “Gírias e identidade”, o que é favorável para auxiliar os alunos na resolução das questões 3 e 4. Os enunciados da atividade são claros, compreensíveis e adequados ao público do 6º ano e retomam os conceitos estudados sobre o conteúdo de variação linguística, como pode ser percebido, por exemplo, no texto da questão 4.

O livro didático não apresenta exemplos relacionados à variação diastrática para complementar os conteúdos mobilizados na seção. Há alguns “boxes/quadros” com algumas informações adicionais, mas que fazem referência à variação diatópica, abordando a variação linguística existente entre os países falantes de língua portuguesa, portanto, nesse quesito, a abordagem foi insatisfatória, pois acreditamos que a presença de exemplos complementares é algo bastante favorável para assimilação dos conceitos abordados na obra.

Finalmente, no que tange aos exercícios de fixação, eles se mostraram adequados quanto à redação, bem como ao conteúdo explicitado na seção, com questões que permitem que os estudantes retomem o que foi estudado, favorecendo o entendimento dos conceitos. No entanto, obtêm um grau de complexidade superficial e parcialmente satisfatório, haja vista que auxiliam o aluno apenas na identificação do grupo social que utiliza determinada linguagem, mas não promove uma reflexão mais profunda, crítica e autônoma quanto ao uso da língua nas situações comunicativas.

Exercícios como esse são fundamentais para trabalhar e aprimorar a consciência linguística dos alunos, pois eles demonstram que a língua não é homogênea e sofre variações de acordo com o papel social que é assumido por quem a utiliza e que essa variedade de usos perpassa por variados fatores, como os de ordem social, proposta central da atividade analisada (Bortoni-Ricardo, 2005). Ademais, é válido mencionar que embora o foco da atividade gire em torno da variação diastrática, por meio dela também seria uma boa oportunidade para se trabalhar com os conceitos de variação diafásica, pois as falas dos personagens da tirinha caracterizam uma variação que é considerada de ordem informal, pois há o uso de gírias, as quais representam a língua falada mais próxima do dia a dia por ser menos monitorada.

Ainda no capítulo 2, é possível verificar em um dos exercícios a preocupação dos autores em trazerem em seu material aspectos concernentes à oralidade, como na atividade abaixo (imagem 4). Essa atividade foi muito produtiva, pois o ensino da oralidade nas escolas ainda é bastante limitado.

Imagem 4: Exercício de oralidade (variação diamésica)

2. Releia, a seguir, um trecho da transcrição com algumas palavras escritas do modo como o escritor as pronunciou, e não de acordo com a ortografia.

-----@-----

Bom, eu escrevo *êê*, mais do que nessa varanda eu escrevo nessa *cadêra*, essa *cadêra* foi um um brinde *queee* minha mãe *ganhô* de um sei lá *daonde* no nos anos noventa [...] e ela fecha ela fecha e vira um guarda-chuva assim. Então *êê*... mais de uma vez quando eu já fui *escrevê* em viagem, que eu tinha que, nas Olimpíadas, por exemplo, quando eu *vô* cobri o a Pápi, tal, eu levo a *cadêra* na mala [...]

-----@-----

a) Que palavras foram grafadas de modo diferente da escrita ortográfica?
Cadêra, ganhô, escrevê, vô, cobri.

b) A seguir, estão descritos alguns usos comuns à fala brasileira que podem ser notados na fala de Antonio Prata. No caderno, relacione esses usos da língua aos termos listados por você no item a.

- Apagamento do som final das formas verbais no infinitivo.
Formas verbais: escrevê, cobri.
- Redução de alguns sons de determinadas palavras como forma de economia da língua. *Palavras: cadêra, ganhô, vô.*

3. Imagine que você e os colegas vão publicar essa parte da entrevista de Antonio Prata no jornal da turma, a ser afixado em um mural na escola. Reúna-se com alguns colegas, adaptem as perguntas feitas e passem a fala do autor para a modalidade escrita, fazendo as alterações necessárias. Considerem que, como os leitores serão os alunos e funcionários da escola, é possível manter algumas marcas de oralidade (como hesitações) para deixar a linguagem mais próxima da realidade. *Resposta pessoal.*

Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 42)

O exercício parte da situação sociocomunicativa concreta *transcrição de entrevista* abordada no início da seção *Língua em foco*. Por meio dele é possível identificar a presença de aspectos da fala, que não são comuns em textos escritos, como a queda da semivogal na pronúncia de determinadas palavras e formas verbais, tais como: cadeira (*cadêra*), ganhou (*ganhô*), vou (*vô*), bem como o apagamento do /r/ em verbos no infinitivo como em escrever (*escrevê*), sendo classificado, portanto, como satisfatório. Esses aspectos podem ser caracterizados como variação do tipo diamésica, uma vez que nem sempre se escreve como se pronuncia (Bortoni-Ricardo, 2004). O som e a grafia, desse modo, não possuem uma relação de biunivocidade, isto é, não possuem uma relação perfeitamente correspondente.

O texto motivador referido associa-se de maneira direta e adequada com a conceituação do conteúdo abordado, haja vista que, mesmo sem a utilização da terminologia *variação diamésica*, os autores explicam, no capítulo 2 do livro, na seção *A língua em foco*, a definição de maneira simples e clara por meio do tópico *Diferenças entre a fala e a escrita*. Trata-se de conceituações satisfatórias as quais correspondem ao público destinado; todavia, não há apresentação de exemplos que poderiam auxiliar na melhor compreensão dos estudantes.

Os exercícios apresentam comandos e orientações adequadas e de fácil compreensão para a faixa etária dos alunos, bem como estão de acordo com as definições abordadas no tópico de conceituação dos conteúdos anteriores. Há uma progressão de

complexidade nas questões do recorte, tendo em vista que na atividade 2 o estudante apenas necessita retirar algumas palavras do texto conforme as orientações das alternativas, percebendo as diferenças das modalidades. Já na atividade 3, faz-se necessária uma adaptação do texto oral para o escrito, considerando ainda o contexto do público leitor (alunos e funcionários da escola).

Exercícios com diferentes graus de dificuldade viabilizam a gradual aprendizagem dos estudantes, que partem de uma compreensão introdutória dos aspectos variantes da língua e alcançam um desenvolvimento crítico e competente, formando uma consciência linguística voltada a compreender e respeitar as variadas maneiras de falar, conforme aponta Bortoni-Ricardo (2004; 2005). Assim, no que se refere aos exercícios relacionados à variação diamésica, como também ao conteúdo e situação sociocomunicativa concreta, pode-se afirmar que foram apresentados ao aluno de maneira satisfatória.

Ademais, é importante salientar que uma das variações mais abordadas no livro didático analisado diz respeito à variação diafásica, isto é, aquela advinda de contextos formais ou informais. Foram encontradas várias atividades referentes no material didático. Tem-se como exemplo o exercício a seguir, relativo à imagem 5, que está inserido na seção “produção de texto” do capítulo 2 do livro didático, o qual tem por título “Depois do final feliz”. A atividade é referente à questão 6 e faz parte de um recorte de um compilado de questões presentes nas páginas 54 e 55 do material analisado.

Imagem 5: Exercício de variação diafásica

6. Observe os trechos a seguir da paródia criada por Antonio Prata.

----- Q -----

[...] “a minha madrasta não, pelamorededeus!”

[...] deitaram e ficaram lá, de papo pro ar [...]

[...] era muito perigoso soltar as bruxas, os lobos, as madrastas ou as irmãs perdidas da Cinderela.

----- Q -----

a) Com base nesses fragmentos, é possível afirmar que o autor empregou construções do cotidiano, mais informais, na sua história? Justifique.

b) Nos contos maravilhosos em geral, a linguagem também é mais informal? Explique.

Respostas pessoais

Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 55)

No que tange aos critérios de análise, a proposta de exercício partiu de uma situação comunicativa concreta, pois faz referência ao texto motivador “Felizes quase sempre”, de autoria de Antonio Prata. O texto utilizado como suporte para a atividade é adequado ao conteúdo educacional a que faz referência, no caso, a abordagem acerca da variação diafásica, portanto, é satisfatório.

Como enfatizado, as atividades relacionadas a esse tipo de variação estão

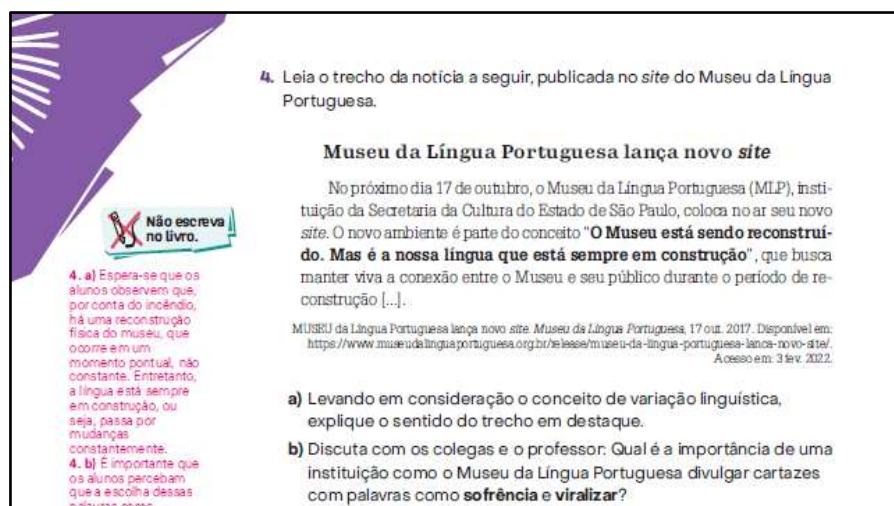
distribuídas em várias partes do livro didático. No entanto, em referência às conceituações, encontram-se apenas no capítulo 2, como acontece com os outros tipos de variações já discutidos, na seção *A língua em foco* (figura 2). Insere-se em *tipos de variação linguística* e é explicado no tópico *Diferenças no grau de monitoramento*, por meio de uma linguagem assertiva e de fácil entendimento para um público de 6º ano, haja vista que não há emprego de palavras complexas na definição.

Os autores apontam a possibilidade de monitoramento da fala de uma pessoa, a depender do contexto comunicativo onde se encontra. Além disso, complementam as informações apresentando um exemplo bastante usual, relacionando a fala formal a uma reunião profissional e a fala informal a uma conversa entre familiares. Percebe-se, desse modo, que conceituações e exemplificações foram apresentadas ao estudante de maneira satisfatória.

No que diz respeito aos exercícios de fixação, as instruções são bem formuladas, condizentes com o conteúdo de variação diafásica e com definições acessíveis para a compreensão, sendo classificados, também, como satisfatórios. Os exercícios obtêm o mesmo grau de complexidade e, apesar de demandarem dos alunos justificativa e explicação que os direcionam aos conceitos de linguagem formal e informal em duas situações diferentes, são exercícios que viabilizam uma compreensão mais inicial sobre a temática, mas não os conduzem para um uso mais autônomo da língua. Mas, de maneira geral, nesse quesito, as abordagens foram satisfatórias.

Por fim, o exercício subsequente, correspondente à figura 6, também faz parte da seção *A língua em foco*, e tem como proposta abordar aspectos concernentes à variação diacrônica, a fim de promover reflexões acerca da dinamicidade da língua para que o aluno perceba que ela está em constante construção.

Imagem 6: Exercício de variação diacrônica



4. Leia o trecho da notícia a seguir, publicada no site do Museu da Língua Portuguesa.

Museu da Língua Portuguesa lança novo site

No próximo dia 17 de outubro, o Museu da Língua Portuguesa (MLP), instituição da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, coloca no ar seu novo site. O novo ambiente é parte do conceito **"O Museu está sendo reconstruído. Mas é a nossa língua que está sempre em construção"**, que busca manter viva a conexão entre o Museu e seu público durante o período de reconstrução [...].

MUSEU da Língua Portuguesa lança novo site. Museu da Língua Portuguesa, 17 out. 2017. Disponível em: <https://www.museudalingua.org.br/telesee/museu-da-lingua-portuguesa-lanca-novo-site/>. Acesso em: 3 fev. 2022.

4. a) Levando em consideração o conceito de variação linguística, explique o sentido do trecho em destaque.

b) Discuta com os colegas e o professor: Qual é a importância de uma instituição como o Museu da Língua Portuguesa divulgar cartazes com palavras como **sofrência** e **viralizar**?

4. a) Espera-se que os alunos observem que, por conta do incêndio, há uma reconstrução física do museu, que ocorre em um momento pontual, não constante. Entretanto, a língua está sempre em construção, ou seja, passa por mudanças constantemente.

4. b) É importante que os alunos percebam que a escolha dessas palavras como

Fonte: (Cereja; Vianna, 2022, p. 50)

A atividade parte de um texto motivador (situação comunicativa concreta), mais precisamente de uma entrevista que foi publicada no site do Museu da Língua Portuguesa. Os autores apresentam um trecho dessa entrevista, intitulada de “Museu da Língua Portuguesa lança novo site” para a partir dela realizar a atividade. É válido mencionar que os autores preferiram utilizar a nomenclatura *histórica* e não diacrônica para explicar o conteúdo, bem como teceram explicações breves e concisas sobre esse tipo de variação nas páginas 43 e 44, mas que são suficientes e coerentes ao conteúdo educacional de variação linguística diacrônica, obtendo uma classificação satisfatória, pois dialoga com a proposta de texto selecionado.

Além disso, os conceitos e definições do conteúdo abordado são pertinentes e estão correlacionados com o conteúdo do exercício. Ademais, as definições demonstram clareza e precisão terminológica quando se pensa no público-alvo a que se destinam, pois os autores do livro utilizaram uma linguagem acessível e correspondente ao nível escolar em que os alunos se inserem. Diante disso, a abordagem é também satisfatória. Em relação aos exemplos/pragmática, consideramos esse aspecto como insatisfatório, haja vista que o livro não apresenta exemplos para complementar ou até mesmo tornar mais concreto e compreensível o assunto de variação diacrônica aos estudantes.

Por fim, no que tange aos exercícios de fixação, as questões que tratam sobre o tema são adequadas e bem formuladas. No entanto, obtêm o mesmo grau de complexidade, uma vez que apresentam um direcionamento parecido, que consiste em fazer com que os alunos percebam que a língua está em constante evolução e que novas

palavras vão surgindo nesse processo, mas não permite, por outro lado, uma compreensão mais profunda sobre o modo como esse tipo de variação é empregado nas situações comunicativas do dia a dia, configurando-se, assim, como uma abordagem parcialmente satisfatória.

Considerações finais

Este estudo nos possibilitou uma visão acerca da relevância dos pressupostos sociolinguísticos e a sua inserção no contexto escolar. Nesse prisma, compreendemos que estudar a variação linguística em sala de aula é fundamental para formar e moldar, nos alunos, uma consciência linguística capaz de exercitar o respeito à diversidade linguísticas nas variadas situações comunicativas a que estiverem expostos. Isso implica, inclusive, ter o conteúdo sobre o fenômeno da variação linguística contemplado em Livros Didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNL).

As análises tecidas neste artigo nos permitiram visualizar que, apesar de ser necessário uma discussão mais aprofundada e ampla sobre as variedades linguísticas no âmbito escolar e uma formação profissional que capacite os docentes para tal tarefa, foi possível constatar no livro *português linguagens* um avanço na tentativa de incorporar ao ensino de língua portuguesa as contribuições advindas da Sociolinguística. O material didático colabora, nesse sentido, para a reformulação de um ensino não mais centrado com exclusividade na variedade padrão da língua, vista como a única forma correta, mas auxilia na compreensão de uma aprendizagem voltada para a diversidade linguística e as suas múltiplas possibilidades de uso.

Entretanto, é cabível salientar que apesar do livro *Português Linguagens* apresentar reflexões positivas no que se refere à variação linguística, enfocando questões voltadas à oralidade, as discussões ficaram mais restritas e explícitas no capítulo 2 da obra, mas poderiam ter sido mais exploradas ao longo das outras unidades, trazendo também mais exercícios e comentários. Além disso, os aspectos mais recorrentes envolvendo a temática estavam relacionados, especialmente, à formalidade e à informalidade dos usos da língua, mas a discussão poderia ter sido estendida também para os outros níveis de linguagem.

Outrossim, mesmo que a discussão sobre a temática tenha ficado mais restrita ao capítulo 2 do material e os exercícios tenham sido limitados acerca da variação linguística

em si, é importante destacar que os autores valorizam na obra a reflexão sobre os fenômenos linguísticos, as variedades linguísticas, sempre levando em consideração a noção de adequado e inadequado, desconsiderando a ideia de erro nas abordagens apresentadas, o que foi muito apropriado, principalmente para desconstruir nos alunos o preconceito linguístico ainda muito presente na sociedade.

Nesse sentido, o livro vai ao encontro do que propõe a BNCC, em uma das competências específicas para o Ensino Fundamental, quando diz que é preciso “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”. Além disso, os autores deixaram evidente na obra e também nas orientações para os professores uma concepção de língua variável, viva e dinâmica, capaz de ser empregada nas diversas situações de uso em que o falante precisar mobilizá-la.

A obra, de maneira geral, cumpre o que havia sido proposto na apresentação do livro, ao propor uma abordagem de língua a partir da perspectiva enunciativo-discursiva com uma metodologia voltada para as práticas de leitura/escuta com reflexões linguísticas ainda que o tema da variação linguística pudesse ter sido mais explorado no que se refere, por exemplo, à aplicabilidade dos pressupostos sociolinguísticos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. A.; PEREIRA, M. L. de S. (2017). Variação linguística em livro didático do ensino fundamental: propostas e tratamento. **Letrônica**, 10(1), 350–360.
- ARAÚJO, M. A. F. DE.; SARAIVA, É.; SOUSA FILHO, S. M. DE. Análise de um livro didático de Língua Portuguesa: ensino tradicional de gramática *versus* gêneros discursivos e análise linguística. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, n. 1, p. 268–281, jan. 2021.
- BAGNO, M. **Português brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2002
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1977] 2016.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2024: Língua Portuguesa: Ensino Fundamental Ano Finais**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 215 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2020: Língua Portuguesa –guia de livros didáticos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 201 p.

BRITO, R. M.; CARVALHO, M. A. F. de. Níveis de compreensão leitora em um livro didático de Língua Portuguesa: uma análise sobre perguntas de leitura. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 45–64, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/184858>. Acesso em: 5 fev. 2025.

CARVALHO, D. P. B. de; SILVA, M. da G. T. Currículo e cultura escolares: rareamento de práticas de leitura de alunos empobrecidos e periféricos. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 18, p. 1–21, 2023. **Práxis Educativa**. v.18.21437.072. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/21437>. Acesso em: 15 mar. 2025.

CORBARI, C. C.; PIMENTEL, I. R. B. O tratamento da variação linguística em uma coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. **Caletroscópio**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 98-114, 19 dez. 2018. Universidade Federal de Ouro Preto. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/3785>. Acesso em: 17 mar. 2025.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução de Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FARACO, C. A. 2007. **Por uma pedagogia da variação linguística**. In: D.A. CORREA (org.), *A relevância social da Linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo, Parábola Editorial; Ponta Grossa, UEPG, p. 21-50.

FARIAS, A. C. F. de; SANTANA, G. F. de; SILVA, M. da G. T. Além das palavras: o impacto do cinema na compreensão e promoção da diversidade linguística nordestina. **EntreLetras**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 179–199, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/18736>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FREITAG, R. M. Ko. A mudança linguística, a gramática e a escola. **PerCursos**, Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 63–91, 2017. DOI: 10.5965/1984724618372017063. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724618372017063>. Acesso em: 8 mar. 2025.

FREITAG, R. M. Ko. Entre norma e uso, fala e escrita: contribuições da sociolinguística à alfabetização. **Nucleus**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2011. Disponível em:

<https://nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/542>. Acesso em: 15 mar. 2025.

NASCIMENTO, I. A. de A. .; MEDEIROS, J. de A. O ensino de gêneros discursivos a partir da retextualização: análise de livro didático de língua portuguesa. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. EE03, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/34593>. Acesso em: 5 fev. 2025.

OLIVEIRA, L. C. de. Bases para uma Pedagogia da variação linguística: Entre a utopia e a esperança. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1–5, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i2.1432. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1432>. Acesso em: 17 mar. 2025.

RIBEIRO, J. V. A variação linguística no ensino de língua portuguesa. **Lume Repositório Digital**, Rio Grande do Sul, v. 1, p. 1-21, 2013.

SAMPAIO, R. F.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021. 155 p.

SANTANA, D. N. L.; CARVALHO, D. P. B. de. Preconceito linguístico em sala de aula: reflexões sobre a percepção dos alunos e impactos da abordagem pedagógica. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 382–400, 2024. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/21609>. Acesso em: 15 mar. 2025.

CEREJA, W.; VIANNA, C. D. **Português**: linguagens – 6º ano. 11ª ed. São Paulo: Saraiva, 2022. 320 p.